



CONSERVAÇÃO NA CAATINGA: EM QUE PÉ ESTAMOS?

Karinne R. D. Leal¹, Luiz V. B. Maciel¹, Jamila L. F. Pereira¹, Mirella C. S. Avelino¹, Ligia M. Rocha²

¹Curso de Graduação em Ecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; ² Consultora do Programa Estadual de Unidades de Conservação do Rio Grande do Norte, contrato IDEMA/FUNDEP.

INTRODUÇÃO

A caatinga, caracterizada por uma floresta seca, ocorre unicamente na porção nordeste do Brasil, abrangendo parte dos territórios do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. Esse bioma apresenta alta temperatura, com as variações diárias mais importantes do que as anuais. Sua formação vegetal apresenta características adaptativas bem definidas: árvores baixas e arbustos que, em geral, perdem as folhas na estação das secas (espécies caducifólias), além de muitas cactáceas. O endemismo varia de 7 % a 57 %, dependendo do grupo (Leal *et al.* 2005). Nos últimos anos verificou-se um esforço do governo federal e das universidades em se produzir e sistematizar informações a respeito deste bioma. Uma revisão das informações a respeito da caatinga pode ser encontrada em Silva *et al.* (2003) e Leal *et al.* (2005).

Além da caatinga fazer parte do conjunto de florestas secas consideradas as mais ameaçadas do mundo (Janzen, 1997), apresentar características ímpares e de ser o único bioma exclusivamente brasileiro, verifica-se sérias dificuldades em se conservá-la. É o bioma brasileiro menos estudado e os esforços de proteção dependem basicamente de recursos internos. Em termos de unidades de conservação, oficialmente 5,3 % da caatinga estão protegidos. O uso insustentável dos recursos naturais da caatinga, por meio da combinação da atividade agrícola, pecuária, extrativismo e pressão populacional, tem levado a uma rápida perda de espécies endêmicas, a alteração de processos ecológicos chave e a formação de núcleos de desertificação na região, o que aumenta a necessidade de estratégias de conservação neste bioma.

OBJETIVO

No presente trabalho objetivou-se discutir a situação atual da proteção do bioma caatinga, visto

que ocorre unicamente no nordeste brasileiro, sendo considerado bastante importante para a biodiversidade brasileira.

MATERIAL E MÉTODO

Revisão bibliográfica sobre a área ocupada pela caatinga a partir do cruzamento de informações da base de dados do MMA referente ao bioma e de diversos autores. Para análise das unidades de conservação, utilizou-se a área total oficialmente protegida assim como a proporção entre as diferentes categorias de unidades de conservação. Os dados foram obtidos através dos bancos de dados disponíveis no site do MMA (Cadastro Nacional de Áreas Protegidas e IBAMA) e dos órgãos estaduais de meio ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando-se as diversas publicações a respeito da Caatinga, verificou-se que existem divergências no conceito do que seja este bioma, não existindo um consenso dos seus reais limites. A área ocupada citada varia de 735.000 km² (Leal *et al.* 2005) a 1.037.518 km² (Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Caatinga, 2004), enquanto que a área indicada no site do Ministério do Meio Ambiente corresponde a 800.000 km² (Silva *et al.*, 2003).

Em termos de proteção oficial, existem atualmente 46 unidades de conservação (UCs) inseridas no bioma caatinga e regiões de ecótonos, totalizando uma área de aproximadamente 42.558,36 km². Dessas, 23 são de proteção integral e 22 são de uso sustentável, correspondendo a 24,6 % e 75,4 %, do total protegido, respectivamente. A categoria APA, classificada como uso sustentável, é o tipo de unidade de conservação que representa a maior porcentagem das áreas protegidas, com aproximadamente 74 % do total.

Considerando como área total do bioma 800.000 km², a área total conservada é de aproximadamente 5,3 %. Como a iniciativa federal de uniformizar um

cadastro das UCs é recente, seu banco de dados pode estar desatualizado e não incluir áreas estaduais e municipais, o que potencialmente aumentaria as áreas protegidas. No entanto, na prática, deve-se levar em consideração que esta estimativa é ainda menor, uma vez que grande parte das UCs na caatinga não está cumprindo seu papel por apresentar sérios problemas como situação fundiária irregular, inexistência de plano de manejo, zoneamento e funcionários. Deve-se ressaltar ainda que os dados disponíveis informam a área total das UCs e não áreas por biomas dentro delas, portanto há imprecisão na informação sobre a área real protegida do bioma, apesar da importância de protegerem os ecótonos, uma vez que muitas espécies são adaptadas a esse tipo de ambiente. Outros problemas constantes nas unidades de conservação do bioma são relativos à interação com a comunidade do entorno ou existente na unidade, tais como caça, pesca para subsistência, desmatamento e retirada da lenha e fogo.

CONCLUSÃO

Apesar dos esforços de se compreender a caatinga, ainda não existe um consenso a respeito de quais são seus limites e, portanto, a área total ocupada por este bioma. Esta indefinição dificulta a tomada de decisão com relação ao bioma, por exemplo, na definição de um planejamento estratégico adequado ou de ações prioritárias para a conservação.

É necessário criar estratégias de conservação que, junto com novas UCs, assegurem a preservação de porções ecologicamente viáveis da Caatinga, assim como tornar efetivamente funcionais as UCs já criadas. É preciso implantar efetivamente os instrumentos de participação previstos no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (Lei Nº 9.985/2000) como estratégia para mitigar os problemas associados às UCs e aos usos dos recursos da caatinga. Além disso, é preciso que os órgãos ambientais e o legislativo estejam sensibilizados com essa questão, incorporando-a nas discussões e ações do governo nas três esferas políticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Janzen, D. H. Florestas tropicais secas: o mais ameaçado dos ecossistemas tropicais. In: Wilson, E. O. (Ed.). Nova Fronteira. *Biodiversidade*. Rio de Janeiro, 1997.p.166-176.

Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Caatinga. *Cenários para o Bioma Caatinga*. Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Caatinga. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. Recife, 2004.

Silva, J. M. C., et al. *Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação*. Ministério do Meio Ambiente e Universidade Federal do Pernambuco. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/index.php?do=conteudo monta&idEstrutura=14&idConteudo=2464>

Leal, I. R., et al. Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil. In: *Conservação Internacional do Brasil* (ed.). *Megadiversidade*. Belo Horizonte, 2005. Vol. 1, p. 139-146. Disponível em: http://www.conservacao.org/publicacoes/files/19_Leal_et_al.pdf

Ministério do Meio Ambiente: Consulta ao banco de dados do Cadastro Nacional de Unidades de Conservação. Disponível em:

<http://www.mma.gov.br/index.php?do=cnuc.consultaBd&idEstrutura=66>